

CONTO**ÀS MARGENS DO MISSISSIPI***Por Teo Lorent*

Saí para caminhar pela cidade. O sol da manhã se aproximando do meio-dia convidava para um passeio longo e duradouro, sem pressa alguma. A cidade estava floridamente linda e cheia de pessoas bonitas, elegantes e alegres em cada esquina, cafés, calçadas, lojas, bares e restaurantes, com músicos a cada meio metro colorindo cada canto com seus cantos dixilindamente variados. Tudo soava carnaval e imaginei que em Salvador, na Bahia, seria assim com seus brancos sorrisos negros nos chamando para celebrar a vida sem pudor algum de ser feliz, mesmo cientes de que o divertimento de muitos significava o ganha-pão de poucos, mas que isso não importava porque o tra balho era divertido e sempre cheio de surpresas e novidades.

À parte toda a minha brasilianidade, observava a tudo atento como um verdadeiro turista europeu das antigas, curioso com a recente história arquitetônica do mundo americano novo, ainda que surpreso com aquela realidade sulista totalmente diferente da minha experiência na parte norte-americana do país. Comparei com o Brasil e imaginei-o de cabeça para baixo.

No sul do Brasil a maioria da população era de descendência europeia como no norte dos Estados Unidos, ao passo que o sul norte-americano possuía a população mais negra como a do nordeste brasileiro. Era óbvio que ambos os países possuíam sua maior população negra concentrada mais próxima da linha do Equador, onde o maior comércio negreiro tinha atingido o seu auge como centro de distribuição para o resto do mundo ocidental. Leituras de livros voaram na minha frente e fiquei com o Atlântico Negro, do Gilroy e com a Ideia da África, de Mudimbe e o Haiti, berço de tudo aquilo que antes imigrava em direção ao norte, hoje tem como opção se exilar no sul. Uma diáspora do Stuart Hall e mesmo o francês Montaigne, lá atrás em torno de 1.500 quando soube sobre os canibais da América do Sul, questionou que talvez fosse o verdadeiro berço de uma civilização avançada e intacta de que tanto Platão falava e que, quinhentos anos depois de nascimento, Caymmi, Vinícius e Baden decupariam afrosambalindamente. E por que sul é sul e norte é norte? E se a Terra estivesse realmente de cabeça para baixo? O que sabemos realmente sobre referenciais se o sol se queima por completo e uniformemente como uma bola de fogo? Precisaríamos sair da Via Láctea para nos vermos de que lado precisamente estamos e, mesmo assim, estaríamos olhando para o sol e seus planetas, como o europeu olhava para o mar, achando que o mundo era achatado e que cairia num precipício, antes que os portugueses se aventurassem como suicidas com suas caravelas, pois viviam de frente para ele e não havia outra precisão na vida senão navegar e... lá estava o Mississipi. O rio Mississipi.

Conhecia-o bem do norte. Não na sua nascente, mas cheguei a nadar muito nele no verão nórdico-norte-americano e vê-lo se moldar nas quatro estações, como somente os habitantes das tundras o conhecem como se brotasse de uma fonte mítica sem metafísica das páginas de Garrison Keillor de um Lake Wobegon, onde as mulheres são fortes, os homens lindos e seus filhos acima da média escolar, como descrevia

o próprio autor em sua rádio semanal direto de Minnesota. Ali no sul, era como se eu estivesse entrando nas páginas da minha memória de infância tupiniquim quando ganhei o meu primeiro livro das aventuras de Tom Sawyer e Huckleberry Finn. Era muito emocionante olhar para aquele rio e ver uma gaiola do Mississipi atravessar de verdade diante dos meus olhos. Imaginei os personagens do Melville terminando suas jornadas depois de uma longa trama que haviam começado em Saint Louis, prontos para desembarcarem ali em Nova Orleans. Estavam em abril e a gaiola, chamada Fidéle, havia saído de Saint Louis exatamente no dia primeiro do mês, contava Melville, cheia de surpresas a bordo que até hoje nem acadêmico algum entendeu direito se os passageiros eram quem eram naquela viagem na qual um coringa que pulava de um lado a outro os enganavam como talvez a si mesmo, como reproduziria Boal mais tarde em seu teatro do oprimido.

Sentindo a brisa e o cheiro do rio de cidade, com os ombros apoiados na cerca diante dele, estava em uma parte de um parque enorme sem uma vivalma próxima a mim, onde me mantinha a uma certa distância do fuzuê da cidade no seu clima de Mardi Gras. O soprar do vento nos meus ouvidos abafava o som de cidade em festa como uma música de fundo vindo em ondas, ora pequenas, ora longas, em consonância com o instrumento de sopro da brisa no eu. Fechando os olhos, facilmente poderia confundir a festa de blocos dali com as ruas de Ipanema ou os frevos de Recife. O canto de revolta pelos mares viajou longe. Virei para olhar o parque e a cidade entre o rio e a rua entre o mar e o lago ao longe. Algumas pessoas nos bancos da praça embaixo de salgueiros e chorões frondosos, talvez mangueiras sem mangas rosas e algumas crianças e idosos jogando pipocas aos pombos, a rua e o bonde passando ao fundo entre ônibus turísticos e restaurantes lotados. Quando voltei para um lado, dei de cara com senhor negro e mal vestido a menos de dez passos vindo em minha direção decidido. Fingindo-me distraído com a sua aproximação em passos largos, esbocei os meus em direção à multidão, mas ele já vinha cheio de por-favores e pedindo que o esperasse. Contendo um preconceito que era mais medo do que jamais aceitaria, esperei para ver o que queria, pois insistia que não era para tomar meu tempo e que simplesmente precisava me dizer algo. Parou diante de mim e com enorme simpatia abriu o argumentoso sorriso – dizendo, bom-dia!

– Bom-dia, respondi.

– Tenho uma coisa muito importante para falar para o senhor.

– Pode falar...

– É uma coisa que vai fazer o senhor se sentir como nunca o senhor se sentiu na vida.

– Sério? Não estou interessado... tentei desconversar, mas de repente ele meteu a mão no bolso, achei que iria puxar uma arma, mas tirou um pedaço de flanela.

– Para não deixar que o senhor perca o seu tempo enquanto tento convencê-lo sobre o que tenho a lhe dizer, vou lustrar os sapatos do senhor. Disse e já foi lustrando e cuspidando nos meus pés e continuou falando enquanto trabalhava a sua rima.

– O senhor está na cidade mais linda do mundo e o senhor já deve saber disso porque esta cidade mágica o trouxe aqui para ela, o senhor entende o que estou dizendo? A magia desta cidade está em cada canto, em cada prédio e a história dela está

carregada disso, o senhor me entende? Nada pode desfazer o que foi feito, fica feito, seja isso ou aquilo, o dito pelo não dito, o perfeito ou o imperfeito, mas vale os olhos das pessoas que nos olham assim e compreendem o que é realidade, veracidade, de verdade, veja a vida na cidade, brotando em festas, dançando como tribos de outras épocas todas juntas num lugar comum. E que brotam como árvores, pai e mãe, compadres, comadres, parentes, alguns vivos, outros ausentes, gente rica, gente pobre, nobres e carentes, é assim a vida, estrutura, literatura, dentes lindos e brancos como o seu e o meu ou mesmo com dentadura, menos magro, mais gordo, mais magro, menos gordo, independente da água linda e do lodo, não importa, só existe um caminho, uma porta, e ela leva ao eterno, se for homem, vai de terno, e mulher, no mesmo cedro, ninguém pro inferno, porque todos somos filhos de Deus, seja Zeus, Ptolomeu e até Prometeu, tu vais pro mesmo lugar em que vou eu. E vou lhe dizer mais, minha avó me ensinou que posso ler o pensamento de qualquer pessoa e posso ler o do senhor. Acredita em mim?

– Não....

– Vou ler e não vai lhe custar nada.– Não quero saber...

– Vou ler e não vai lhe custar nada.

– Não me interessa...

– Eu preciso lhe dizer.– Não...

– Eu preciso lhe dizer.

– Me deixa em paz...– O senhor tem de me ouvir...

– ...

– Vou dizer sim para o senhor – começou a gritar comigo. – Sim, o senhor vai me ouvir! Sua vida vai mudar hoje e vai ser agora. Está pronto? – Falou em tom apocalíptico e se levantou me encarando olho a olho. Pausou e me encarou de cima para baixo, me cercou, me rodeou e repousou seu sério olhar e boca ofegante a menos de um centímetro do meu estupefato e também ofegante rosto como se respirássemos o mesmo ar.

– Pode falar, então, manda – aceitei convicto.

– O senhor está pensando... “sou o homem com o par de sapatos mais brilhante da cidade e estou pronto para conquistá-la”. – Soltou uma gargalhada, me estendeu a mão e concluiu – o pensamento do senhor é de graça e é livre, então não posso lhe cobrar nada, mas os sapatos do senhor eu os deixo por dez dólares... Adivinhei?

Aliviado, sorri e paguei-o com uma nota de vinte e disse-lhe que poderia ficar com o troco. Ele pegou o dinheiro, amassou entre os dedos, colocou no bolso da calça, voltou a me olhar sério e disse:

– O mundo está virando de cabeça pra baixo, my brother! A minoria vira maioria e a maioria, minoria. Lembre-se disso, minoria é maioria e maioria é minoria. Aproveite a vida enquanto seus sapatos brilham como diamantes!

Arreganhando o belo sorriso branco novamente e, como um mestre-sala que se ajoelha e corteja a porta-bandeira, entoou “Diamonds on the sole of her shoes” imitando o Ladysmith Black Mambazo e pedindo para que o acompanhasse no duo como se fosse eu um Paul Simon. Enquanto me afastava da figura, esboçando o caminhar de um malandro e acenando um adeus de costas, ele gargalhava e continuava gritan-

do a canção, insistindo que eu era o dono dos sapatos mais bem lustrados da cidade. Recebi aquela energia dentro mim, abri o melhor sorriso que tinha guardado e que não o via há anos, afinei melhor meus passos com o ritmo da cidade e me entreguei à multidão, pronto para uma boa farra com meu par de sapatos mágicos lustradamente cuspidos antes do derradeiro choro de lágrimas de mãe Katrina.

***TÉO LORENT** (RIO DE JANEIRO/SÃO PAULO) - Escritor, tradutor e livreiro.. Formado em Jornalismo com Mestrado em Letras (Departamento de Português e Espanhol) e Mestrado em Literatura Comparada pela Universidade de Wisconsin-Madison, EUA. É autor do livro autoral "O Homem Bumerangue", 2014 pela Escrituras Editora. Possui várias publicações de tradução literária pela Madras Editora, Escrituras, Arte PauBrasil, Girafa, entre outras. Administra a Livraria Largo das Letras, no Rio de Janeiro.



Blecaute

Revista de Literatura

Campina Grande (PB) – Nº21

Jul - Dez - 2020

ISSN: 2238-930X

RESENHAS